

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ DO PENSAMENTO DE PAUL TILlich

André Magalhães Coelho¹

Resumo:

Este artigo se concentra na análise das reflexões do filósofo e teólogo alemão Paul Tillich, sobre a condição da existência humana e no pecado como uma manifestação de alienação. Nesse emaranhado de percepções, o ser humano se afasta do núcleo de sua essência, das interações com os outros e, em última análise, de sua própria natureza. Essa transição do ser para a existência provoca um eco de culpa e um vazio existencial que ressoam em nosso íntimo. Nesse contexto, a discussão sobre alienação e pecado transcende a mera verbalização, transformando-se em uma busca por entender a condição humana em sua totalidade. Afinal, a alienação é uma realidade que se entrelaça com a responsabilidade individual, uma trama complexa que nos instiga a explorar os labirintos de nossa própria existência. O objetivo deste texto é investigar a alienação existencial e suas consequências. Para isso, nos basearemos nas obras do renomado filósofo alemão.

Palavras-chave: Alienação; Pecado; Condição Humana.

ALIENATION AND SIN: EXPLORING THE HUMAN CONDITION IN LIGHT OF THE THOUGHT OF PAUL TILlich

Abstract:

This article focuses on the analysis of the reflections of the German philosopher and theologian Paul Tillich, on the condition of human existence and on sin as a manifestation of alienation. In this tangle of perceptions, the human being moves away from the core of his essence, from interactions with others and, ultimately, from his own nature. This transition from being to existence provokes an echo of guilt and an existential void that resonates within us. In this context, the discussion on alienation and sin transcends mere verbalization, transforming itself into a search for understanding the human condition in its entirety. After all, alienation is a reality that is intertwined with individual responsibility, a complex plot that encourages us to explore the labyrinths of our own existence. The objective of this text is to investigate existential alienation and its consequences. To this end, we will base ourselves on the works of the renowned German philosopher.

Keywords: Alienation; Sin; Human Condition.

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorando pela mesma instituição (UMESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1143-1407> E-mail: magalhaescoelho@gmail.com.

Introdução

Este artigo investiga, à luz da reflexão do filósofo e teólogo alemão Paul Tillich, a condição da existência humana, considerando o pecado como um estado de alienação. Nesse labirinto de percepções, o ser humano se distancia do alicerce de seu ser, dos outros e, em última instância, de si mesmo. Essa transição da essência à existência gera um eco de culpa e um vazio existencial que reverberam em nosso íntimo.

Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965) foi, sem dúvida, um dos gigantes da teologia do século XX. Contudo, sua influência ultrapassa as fronteiras da teologia; ele era também um filósofo profundo, que se inspirou em mestres da filosofia existencial, como Kierkegaard, Jaspers e Heidegger, além de ser um herdeiro do idealismo alemão, especialmente de Hegel e Schelling.

Tillich destacou-se por sua habilidade singular de dialogar entre a teologia e a filosofia, criando categorias próprias que o tornaram uma referência no mundo acadêmico. Como professor de filosofia na Universidade de Frankfurt, Tillich demonstrou bravura ao se opor ao regime nazista, expulsando estudantes com ligações ao partido de Hitler de seu centro acadêmico. Essa postura política teve um preço, resultando em sua demissão e na migração para os Estados Unidos em 1933, onde lecionou no *Union Theological Seminary*, em Nova York, e, posteriormente, na renomada *Harvard University*.

Originário do cerne da filosofia, o conceito de "alienação" foi moldado e empregado por Hegel em sua doutrina sobre a natureza como espírito (*Geist*). No entanto, a descoberta desse conceito por Hegel remonta a momentos anteriores, quando, em sua juventude, ele descreveu os processos vitais como uma unidade original, desfeita pela divisão entre subjetividade e objetividade, e pela incessante busca pela lei. É essa concepção de alienação que mais tarde, seria utilizada contra ele por alguns de seus alunos, especialmente por Marx, que refutou a ideia de que a alienação poderia ser superada na história por meio da reconciliação (Tillich, 2014, p. 339).

Sob essa perspectiva, o indivíduo se encontra alienado e não reconciliado; a sociedade vive em condições de alienação e não encontra harmonia; a própria existência, em

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

sua essência, é alienação. Essa percepção oferece uma postura revolucionária frente ao mundo tal como o conhecemos, muito antes do advento do século XX.

O termo "alienação" revela-se como um reflexo de uma separação fundamental — o ser humano se afasta de sua verdadeira essência. Esse distanciamento não se restringe a uma questão filosófica, mas materializa-se em uma realidade palpável, onde o ser humano é julgado por sua desconexão com o que é verdadeiramente significativo para ele (Tillich, 2014, p. 340).

Embora o conceito de alienação não tenha raízes exclusivamente bíblicas, suas representações estão embutidas nas narrativas sagradas. A expulsão do paraíso, a hostilidade entre o ser humano e a natureza, as rivalidades fraternas e a alienação de nações são todos ecos dessa condição existencial. As queixas dos profetas contra os reis e o povo que se volta para ídolos estranhos revelam um padrão de alienação intrínseco à experiência humana (Tillich, 2014).

A afirmação paulina de que o ser humano distorceu a imagem divina, transformando-a em ídolos, ressoa com a ideia de alienação. Em sua clássica descrição do “ser humano contra si mesmo”, Paulo evidencia a hostilidade que permeia as relações humanas, entrelaçadas em desejos distorcidos. Assim, a alienação emerge como um tema recorrente na narrativa da condição humana (Tillich, 2014).

Entretanto, é crucial ressaltar que, embora "alienação" e "pecado" sejam conceitos interligados, não são intercambiáveis. O termo "pecado" muitas vezes é utilizado de forma a desvirtuar seu significado original. Paulo se refere ao pecado no singular, quase como uma entidade que rege a realidade. Por outro lado, nas tradições cristãs, tanto católicas quanto protestantes, "pecados" são compreendidos como desvios das normas morais, distantes da noção de alienação que nos afasta do que realmente nos pertence — Deus, nosso “eu” e o mundo ao nosso redor.

Assim, ao olharmos para o pecado sob a luz da alienação, encontramos uma nova perspectiva. A palavra "alienação" sugere uma reinterpretação do pecado, oferecendo uma visão religiosa que nos provoca a refletir sobre o afastamento daquilo que nos é intrínseco. Contudo, não podemos nos desvincular do termo "pecado", pois ele carrega uma conotação que

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

"alienação" não consegue abranger completamente: o ato consciente de se afastar do que nos pertence.

O pecado destaca a dimensão pessoal da alienação, acentuando a liberdade e a culpa individuais em contraste com a inevitável tragédia da alienação universal (Tillich, 2014). Nesse sentido, a discussão sobre alienação e pecado não se resume a meras palavras, mas se torna uma busca por compreender a condição humana em toda sua complexidade. Afinal, a alienação é uma realidade que se entrelaça com a responsabilidade pessoal, uma teia intrincada que nos convida a explorar os labirintos de nossa existência.

Na vastidão da natureza, encontramos a essência da liberdade pessoal e um dilema universal que nos intriga profundamente. O conceito de "pecado", frequentemente interpretado de maneira religiosa, nos leva a refletir sobre a verdadeira natureza da nossa existência. Para entender essa complexidade, precisamos revisitar a ideia de "alienação".

Quando falamos sobre o que é "original" ou "hereditário" em relação ao pecado, é imperativo que essa reinterpretação não se reduza a uma simples troca de palavras. Ao contrário, é um convite à reflexão sobre a universalidade do ser humano, sobre o destino que cada um de nós carrega na experiência da alienação. Contudo, essas palavras estão tão impregnadas de significados literais que se torna um desafio utilizá-las sem cair em mal-entendidos. Quando alguém menciona "pecados" e se refere a ações específicas consideradas erradas, é vital ter consciência de que esses atos são meras manifestações do verdadeiro "pecado" (Tillich, 2014).

O que torna uma ação pecaminosa não é a transgressão de uma lei, mas a expressão da desconexão do ser humano em relação a Deus, aos outros e, principalmente, a si mesmo. Assim, Paulo nos ensina que tudo que não emana da fé e da união com o divino se enquadra no conceito de pecado. Em um outro contexto, Jesus nos recorda que todas as leis podem ser resumidas na lei do amor — um princípio que, ao contrário da alienação, busca reunir o que foi separado (Tillich, 2014).

O amor, essa força poderosa que nos impulsiona a conectar, é o antídoto para a alienação. Na fé e no amor, o pecado se dissolve, pois a alienação é superada pela união. É nesse entrelaçar de corações e mentes que encontramos a verdadeira liberdade e a essência da

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

nossa humanidade. O objetivo deste texto é examinar a alienação existencial e suas repercussões. Para tal, utilizaremos às obras do filósofo alemão.

Alienação e Descrença: a intersecção da concupiscência e da hybris na condição humana

Segundo Paul Tillich, a confissão de Augsburg nos oferece uma perspectiva intrigante e profunda sobre a essência do pecado. Ela nos revela que a humanidade se encontra em um estado de alienação quando está "sem fé em Deus e dominada pela concupiscência". Mas que tal introduzirmos uma nova camada a essa análise? Vamos adicionar um terceiro elemento: a hybris, o pecado espiritual da soberania e da autoexaltação. Agostinho e Lutero nos mostram que essa hybris, essa vaidade exacerbada, antecede o pecado sensual e se torna uma das características mais marcantes da alienação humana. Dessa forma, temos três conceitos fundamentais — descrença, concupiscência e hybris — que, juntos, esboçam o retrato da condição existencial do ser humano. Cada um deles nos convida a uma nova interpretação e compreensão de nossa realidade (Tillich, 2014, p. 341).

Tillich observa que, para os reformadores, a descrença não se resume à incapacidade de aceitar as doutrinas da igreja. Ao contrário, trata-se de um ato que envolve toda a nossa personalidade, englobando aspectos práticos e emocionais. Se houvesse um termo como "não fé", este seria mais adequado, pois a palavra "descrença" carrega uma conotação que a associa a uma falta de crença superficial. A descrença, portanto, é um distanciamento profundo, uma separação existencial do ser humano em relação à sua essência divina, um retorno à unidade essencial com Deus (Tillich, 2014, p. 342).

Para Tillich, na jornada humana, ao buscar se autoafirmar, o indivíduo acaba se voltando para Deus nos campos do conhecimento, da vontade e da crença. No entanto, essa busca não pode ser chamada de "negação", pois toda dúvida, seja positiva ou negativa, pressupõe uma relação cognitiva com Deus. Aquele que questiona a existência de Deus já, de alguma forma, está em contato com o divino, mesmo que ainda não tenha plena consciência disso. A descrença, assim, é a separação da vontade humana em relação à vontade divina; não deve ser encarada apenas como "desobediência", uma vez que essa noção já implica uma separação entre vontades distintas.

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

Aqueles que se sentem compelidos a buscar respostas sobre como agir ou não já se encontram alienados da fonte que estabelece as diretrizes da lei. Nesse contexto, a descrença se revela como um abandono da aventura da vida divina em favor dos prazeres de uma existência isolada. Poderíamos, então, denominá-la de "amor a si mesmo", pois para que um "eu" possa ser amado por Deus e amar a si próprio, é necessário que tenha se afastado do centro divino que o sustenta, onde o amor por si e o amor a Deus se entrelaçam (Tillich, 2014).

Para o teólogo alemão, esses conceitos estão interligados na ideia de "descrença", que representa a primeira etapa da alienação. A verdadeira tragédia do ser humano reside nessa desconexão com Deus, que se torna o núcleo da compreensão religiosa do pecado, conforme delineado pelos reformadores. Se compreendermos a descrença como uma alienação do ser humano em relação a Deus, então a teologia protestante se alinha à interpretação agostiniana do pecado como um amor que se volta para si mesmo em detrimento do bem supremo.

Tillich ainda nos lembra que Agostinho nos alerta de que o pecado é, em essência, o amor que se apega às coisas finitas em detrimento do que realmente importa. O amor a si e ao mundo só se justifica se reconhecer que todo o finito é uma manifestação do infinito, desejando unir-se a ele. No entanto, se esse amor se desvia do fundamento infinito em direção às suas expressões finitas, então estamos diante da descrença.

A ruptura da unidade essencial nos aponta para uma relação do ser humano com Deus marcada pela alienação, mas também pela possibilidade de reconciliação (Tillich, 2014, p. 343). Assim, somos convidados a refletir sobre nossa condição existencial e a buscar a integração entre o amor a nós mesmos e o amor a Deus, redescobrimos a unidade que nos conecta ao divino.

A alienação como hybris e a jornada de retorno ao "eu"

De acordo com Paul Tillich, no estado de alienação, o ser humano se percebe como um naufrago afastado de sua ilha de origem, perdido em um oceano de incertezas. Nesse contexto, ele se distancia de seu verdadeiro núcleo, que representa a essência de sua identidade.

O ser humano, em sua individualidade, é o núcleo vibrante de sua própria existência e do cosmos que o envolve. Surge, então, a cativante possibilidade de reencontro com esse

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

núcleo, despertando a tentadora oportunidade de redescobrir-se e, assim, reescrever sua própria história (Tillich, 2014, p. 344).

No vasto campo das ideias, a graça se revela como uma força enigmática e poderosa, um elixir genuíno que permeia a alma humana. Em sua essência, ela é a infusão do amor divino, um poder sagrado que transforma e eleva. Para Tillich, Santo Agostinho declara que, na igreja católica, essa força é fundamental não apenas para a compreensão do pecado, mas também na doutrina da salvação. A noção de alienação, tão presente nas reflexões dos reformadores, é percebida como um estado a ser superado, uma separação do ser humano em relação a Deus.

Assim, a reconciliação torna-se o caminho de retorno ao amor divino, um amor que se expressa através da fé e da comunhão com a igreja. Entretanto, mesmo diante de distinções profundas, há um ponto de confluência entre as doutrinas: ambas reconhecem o caráter religioso do pecado, manifestado na alienação. A primeira evidência dessa alienação é a descrença, que se traduz na ausência de amor. O pecado é, essencialmente, uma questão de relacionamento — não apenas com instituições e regras sociais, mas com a própria essência do divino. Nesse estado de alienação, o ser humano se encontra deslocado do centro divino, do qual deveria ser uma parte intrínseca (Tillich, 2014).

O ser humano, em sua complexidade, é o centro de seu próprio universo. Contudo, a tentação de abandonar esse centro essencial é sempre uma possibilidade. Ele possui uma consciência que transcende a mera existência, uma centralidade que o torna digno, a "imagem de Deus". Essa capacidade de se ver em perspectiva, de observar a si mesmo e ao mundo ao seu redor, é o que lhe confere grandeza. No entanto, essa mesma grandeza é a fonte de sua tentação — a busca por se tornar o centro de tudo (Tillich, 2014).

Tillich afirma que, ao contemplar sua existência e a liberdade que possui, o ser humano é confrontado com a infinitude de seu potencial. Essa dualidade entre a finitude da vida e a infinitude do desejo inspirou os antigos gregos a descreverem o ser humano como "mortal", enquanto os deuses eram imortais (Tillich, 2014). A habilidade de criar imagens divinas, consciente de sua própria potencialidade, faz com que o ser humano aspire à grandeza. Contudo, essa busca por se igualar a Deus, essa *hybris* — uma forma de autoelevação que ignora os

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

limites naturais da existência — é, de fato, uma armadilha. O mito grego ilustra isso de maneira magistral, mostrando como a *hybris* leva à destruição.

Não é por acaso que a tragédia grega e as advertências dos profetas do Antigo Testamento ameaçam os poderosos e os altos colocados da sociedade. A *hybris* não é apenas uma característica de caráter, mas uma condição humana universal. Ela pode se manifestar tanto em atos de humildade quanto de orgulho, revelando a fragilidade da condição humana diante da infinidade e da grandeza.

Em meio a essa reflexão de Paul Tillich, surge a indagação: por que o ser humano se sente tentado a se colocar como o centro de sua própria vida? A resposta reside em sua busca por totalidade, por uma união com o todo (Tillich, 2014).

Essa "pobreza" interna o impulsiona a buscar a abundância. O desejo humano, em suas diversas formas — seja físico, emocional ou espiritual — é uma expressão dessa busca por completude. Contudo, a concupiscência, muitas vezes reduzida a um desejo sexual, é, na verdade, uma manifestação muito mais ampla da alienação e da luta interna do ser humano.

A doutrina da concupiscência, quando compreendida em toda a sua plenitude, se revela nas obras da literatura existencialista, na arte e na filosofia. Exemplos como a figura de Fausto, que busca o conhecimento absoluto, ilustram a autodestruição que pode advir dessa incessante busca por poder e prazer. A verdadeira compreensão da concupiscência pode, portanto, iluminar as sombras da alienação e abrir portas para um entendimento mais profundo da condição humana (Tillich, 2014, p. 345).

Assim, a reflexão sobre a alienação e a graça se entrelaça, revelando um caminho de autoconhecimento e redescoberta do amor divino que reside em cada um de nós. A dança entre a finitude e a infinitude, entre o desejo e a satisfação, continua a nos guiar em nossa jornada pela vida, instigando-nos a buscar a verdadeira essência da nossa existência.

No fascinante universo da psique humana, vislumbra-se uma tentação demoníaca que vai além do simples desejo de conhecimento. Este desejo, que poderia ser visto como uma busca por poder e saber, revela-se, na verdade, como uma ânsia mais profunda: a vontade de conectar-se cognitivamente com o universo e com a nossa própria existência finita (Tillich, 2014).

O que se apresenta como um desejo ilimitado de saber e de poder é, muitas vezes, uma expressão da concupiscência humana. Esse fenômeno foi explorado nas intrigantes teorias de Freud e Nietzsche, que, apesar de suas diferenças, nos oferecem uma nova lente para entender a condição humana. Freud fala da "libido", um desejo que se manifesta como uma busca incessante pela liberação das tensões biológicas, especialmente as sexuais, e que, curiosamente, se entrelaça com as experiências espirituais mais elevadas. Ele sugere que essa libido não é apenas uma força de natureza carnal, mas também um motor das nossas aspirações mais profundas, ecoando as práticas de exame de consciência dos antigos monásticos cristãos (Tillich, 2014, p. 347).

Tillich recorda que, apesar de sua riqueza, a reflexão de Freud não abrange a totalidade da experiência humana. Ao se concentrar na concupiscência como um desejo existencial, ele ignora a dimensão do *eros* essencial, o amor que nos liga a algo maior que nós mesmos. Esta é uma falha significativa, pois a libido, quando desprovida de um objeto específico, torna-se um eco vazio de desejos insatisfeitos, uma alienação que contradiz a nossa bondade intrínseca (Tillich, 2014).

Para Tillich, Nietzsche introduz a "vontade de poder", uma força motriz que busca a superação e a afirmação do ser. Ele se inspira na doutrina de Schopenhauer, que vê a vontade como um impulso ilimitado. No entanto, Nietzsche não oferece um guia moral claro para essa vontade, deixando-a como um conceito nebuloso, quase demoníaco, que se afasta da busca por um amor verdadeiro e definido.

O contraste entre a libido como amor e a libido como concupiscência é fundamental. O amor, em suas várias formas — *eros*, *philia* e *agape* — não se limita a um desejo desenfreado, mas busca uma união genuína com o outro.

Já a concupiscência, muitas vezes, se torna um desejo egoísta que visa apenas o prazer imediato, sem a riqueza do amor verdadeiro (Tillich, 2014).

Em última análise, tanto a libido quanto a vontade de poder podem se transformar em expressões da concupiscência e da alienação quando se desvinculam do amor. O verdadeiro desafio da condição humana reside em equilibrar esses desejos com a busca por um amor que nos conecte a um propósito maior, a uma definição que transcenda o mero prazer e nos conduza

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

à autenticidade da existência (Tillich, 2014). Assim, a dança entre esses conceitos se torna uma jornada, onde o ser humano é convidado a explorar não apenas suas sombras, mas também a luz que emana de sua essência.

Alienação: entre o pecado original e a condição humana

Para Tillich, a teologia clássica nos apresenta um enigma ao diferenciar entre o pecado original e o pecado concreto. O pecado original, essa desobediência primordial, não se resume a um ato isolado, mas se manifesta como uma predisposição pecaminosa que permeia a existência de cada ser humano (Tillich, 2014, p. 348). É como se fôssemos todos portadores de uma herança obscura, um pecado que nos vincula a uma condição universal de alienação. Surge, então, uma ideia provocativa: a totalidade da humanidade está entrelaçada nesse destino, onde a liberdade de escolha parece uma miragem em meio a um oceano de desamparo. Para Tillich,

A redescoberta do significado de “pecado” que havia se tornado ininteligível ao identificar pecado com pecados, e estes com certos atos não convencionais e desaprovados. “Pecado” é algo completamente diferente. É alienação universal e trágica, baseada na liberdade e no destino dos seres humanos. Não deveria ser usada no plural. Pecado quer dizer separação de nosso ser essencial. É isso. Se esta compreensão resultou do trabalho da psicologia profunda e do existencialismo, terá sido, naturalmente, grande dádiva à teologia (Tillich, 2009, p. 173).

Nesse contexto, Balthasar observa que Kierkegaard, em "O Conceito de Angústia", não se dedica à teologia, mas realiza análises psicológicas. Contudo, ressalta que, apesar de Cristo e Deus raramente serem mencionados na obra, ela é “de inspiração indubitavelmente cristã” (Balthasar, 2000, p. 11).

A expressão existencial revela que o homem é espírito e, se o espírito é o “eu”, então o homem se identifica com o “eu”, que é essencialmente espírito e carrega consigo todos os vieses e sentimentos que o definem, incluindo a Angústia. Essa angústia se fundamenta na relação que o indivíduo estabelece, no interesse por onde sua vontade se direciona e se manifesta. Assim, a angústia não é mais do que a inocência elevada, uma potencialidade de liberdade, ainda que restrita em sua essência, na alma do homem que, sendo um nada, abre a possibilidade de se tornar várias coisas, pressupondo-as. De uma perspectiva crítica, essa condição se firmou no ser humano com a consciência do pecado, do bem e do mal.

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

Não existe uma lógica que a justifique, já que, ao se transformar em um conceito pré-estabelecido, ela se molda a uma forma que não se encaixa mais nos padrões de liberdade e nas potencialidades de cada ser humano, em suas individualidades e escolhas. É sob essa ótica que Kierkegaard esclarece que Deus e o homem se tornaram radicalmente distintos desde a manifestação do pecado original entre Adão e Eva, e que apenas pela fé os herdeiros conseguem superar esse paradoxo.

Ao trazer, junto com a verdade, também a “condição” para recepção da verdade, o Deus feito homem liquida o socratismo, pois Sócrates só utilizava a maiêutica por estar convencido de que a verdade estava toda no homem, apenas um pouco esquecida. A entrada em cena desse deus no tempo, na história, provocou o paradoxo, pois a razão não consegue reunir a ideia de um deus eterno com a figura de um servo humilde. Assim, o princípio da identidade fracassa, sobrando a opção do salto da fé, renunciando este ponto à inteligência (Kierkegaard, 1995, pp.15-16).

Adão, como a primeira expressão do pecado na humanidade, se transforma na ponte que limita seus descendentes e os distancia da perfeição que o paraíso prometia. Assim, ele carrega em si o potencial, mas, devido à sua própria imperfeição e à sua condição humana, não alcança o ápice da liberdade. Para restituir ao homem seu estado original, Deus assume a condição humana, adentra sua história e suas limitações.

Ele se faz servo para elevar a dignidade e recuperar a liberdade perdida do ser humano, superando assim todas as concepções limitadas e elevando-os a um ponto onde a fé transcende e ultrapassa o racionalismo que existia até então; nesse momento, a verdade deixa de ser um atributo do homem e se transforma em algo maior, além dele mesmo.

A angústia pode ser comparada a uma vertigem. Aquele que direciona seu olhar para um abismo profundo sente uma certa tontura. Mas qual é a razão disso? Está tanto no olhar quanto no abismo. Se ele não tivesse encarado a profundidade, a angústia se revela como a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito tenta estabelecer uma síntese, e a liberdade, ao olhar para baixo, para sua própria possibilidade, se agarra à finitude para encontrar firmeza (Kierkegaard, 2011, p. 67).

Adão, o progenitor da humanidade, não deve ser encarado apenas como um personagem bíblico, mas como o símbolo da transição entre essência e existência. Ele representa a humanidade em sua forma mais genuína, e seu ato de desobediência transforma-se

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

em um destino coletivo. O pecado original, portanto, não é nem original nem hereditário, mas uma condição intrínseca a cada um de nós, uma alienação que nos define (Tillich, 2014, p. 350).

Tillich afirma que Agostinho, em sua profundidade, refere-se à "massa de perdição", sugerindo que, em nossa alienação, somos seres sociais, impossibilitados de agir de forma isolada. Desse modo, a condição humana é uma tapeçaria de destinos interconectados, onde cada ato individual de pecado ressoa a universalidade da alienação (Tillich, 2014).

A alienação não se manifesta apenas em atos isolados, mas também em uma complexa teia de determinismos: sejam físicos, biológicos, psicológicos, sociológicos ou culturais. No entanto, nenhuma dessas explicações esgota a experiência da responsabilidade pessoal que sentimos por nossas ações. A teologia cristã, nesse cenário, deve ser inclusiva, reconhecendo a pluralidade de fatores que compõem a condição humana, mas também afirmando que a liberdade e o destino humano são indissociáveis (Tillich, 2014).

Desde os tempos bíblicos, a igreja cristã organizou os pecados, criando distinções entre pecados mortais e veniais, e, mais tarde, os pecados capitais. Essa categorização é fundamental para compreender a relação entre os fiéis e os sacramentos, além de sua antecipação em relação ao destino eterno (Tillich, 2014).

Cada modalidade de pecado se conecta a diferentes manifestações da graça, tanto na vida presente quanto na futura. A posição católica, em sua sensibilidade psicológica, pondera sobre a culpabilidade pessoal em cada ato pecaminoso, assim como um juiz que avalia responsabilidade e punição.

Entretanto, essa abordagem pode se tornar irreligiosa quando aplicada à relação entre o ser humano e Deus. O protestantismo, por outro lado, propõe uma visão mais direta: o pecado é a alienação do divino, enquanto a graça é a reconciliação. Essas noções são absolutas, não relativas, oferecendo uma certeza de perdão que transcende a análise da própria culpa (Tillich, 2014).

O conceito de angústia é definido por Gouvêa como um professor de dogmática, que observa o cristianismo de maneira mais objetiva, com pouca interioridade. Já sobre Anti-Climacus, pseudônimo do autor de "O Desespero Humano", Gouvêa afirma que, como um

personagem mais tardio, foi criado para representar o cristianismo – ele é um cristão dedicado de elevado nível (Gouvêa, 2000, p. 251).

Entretanto, podemos perceber uma linha de raciocínio comum que permeia ambas as obras: tanto a angústia quanto o desespero são experiências existenciais que tocam todo o ser humano, que conduzem ao pecado e trazem o pecado como consequência (e o pecado, assim, também se torna uma condição humana), além de serem formadores da subjetividade, que, ao final, guia à fé.

De acordo com Tillich, a compreensão protestante de pecado e graça oferece um consolo profundo, uma segurança que pode escapar à posição católica. Contudo, o protestantismo deve reconhecer que, ao tratar pecado e graça como categorias absolutas, pode perder a nuance psicológica e a flexibilidade educacional que a abordagem católica disponibiliza. O desafio reside em reavaliar as complexidades da vida espiritual, buscando um equilíbrio entre os elementos relativos da graça e seus aspectos absolutos (Tillich, 2014, p. 351).

Assim, a jornada da teologia nos convida a refletir sobre a natureza do ser humano, a interconexão de nossas ações e a busca incessante pela reconciliação com o divino. A cada passo, nos deparamos com a riqueza e a profundidade da experiência humana, onde liberdade, responsabilidade e destino se entrelaçam em um tecido sutil.

Da experiência individual à crise coletiva

Até agora, nossa investigação sobre a alienação concentrou-se, de forma quase exclusiva, na vivência do indivíduo: sua liberdade, seu destino, suas culpas e a incessante busca pela reconciliação. Kierkegaard frequentemente aborda o pecado de uma maneira excessivamente subjetiva, o que pode induzir à interpretação de que o pecado não é uma realidade objetiva, conforme a Bíblia nos ensina, mas sim um mero defeito, uma carência interna do ser humano que não se reconhece como “eu”, não se torna sujeito de sua própria existência. Roos (2008), comenta que o desespero é inicialmente caracterizado por Anti-Climacus como um desequilíbrio na síntese, nas polaridades que constituem o ser humano (p.70).

A ALIENAÇÃO E O PECADO: EXPLORANDO A CONDIÇÃO HUMANA À LUZ...

André Magalhães Coelho

Tanto o judaísmo quanto o cristianismo, por exemplo, sempre enfatizaram a culpa individual, mas não podiam ignorar o sofrimento das gerações que arcaram com as consequências dos erros de seus antepassados.

A condenação social dos descendentes, inocentes em sua essência, de pais moralmente reprováveis, persistiu através dos séculos da era cristã (Tillich, 2014, p. 352). Nos últimos anos, assistimos a nações inteiras sendo moralmente julgadas pelas atrocidades perpetradas por seus líderes, que frequentemente coagiram indivíduos a cometer crimes em nome de um poder opressor (Tillich, 2014).

A demanda por uma confissão de culpa coletiva se estendeu a todos os cidadãos, englobando aqueles que se opuseram ao regime e enfrentaram severas consequências por sua resistência. Esse cenário nos revela uma distinção fundamental entre o indivíduo e o coletivo social.

Enquanto a "pessoa" possui uma identidade centrada, um grupo social é uma intrincada rede de poderes, na qual alguns indivíduos se sobrepõem aos demais. Essa estrutura de poder gera, inevitavelmente, um campo de conflitos, mesmo que, em determinadas ocasiões, a ação solidária do grupo pareça prevalecer (Tillich, 2014).

Um coletivo, por sua própria natureza, não é capaz de se alienar ou se reconciliar plenamente; a noção de culpa coletiva se dissolve diante da singularidade de cada ser. No entanto, o destino que nos une, ainda que particular em contextos específicos, é, em sua essência, universal. Cada indivíduo é parte desse destino e não pode se desvincular dele (Tillich, 2014, p. 353).

Assim, o destino se entrelaça indissolivelmente com a liberdade, formando um tecido complexo de experiências e responsabilidades que nos desafiam a refletir sobre nosso papel no mundo e a buscar uma compreensão mais profunda de nós mesmos e da sociedade que nos envolve.

Considerações finais

Este artigo buscou explorar a reflexão do filósofo e teólogo alemão Paul Tillich, analisando a condição da existência humana e o pecado enquanto uma forma de alienação. O texto enfatizou que, no labirinto das percepções, o indivíduo se afasta do núcleo de seu ser, das interações com os outros e, em última análise, de sua própria essência. Verificamos que a alienação não se revela apenas em atos isolados, mas também em uma rede de determinismos: sejam eles físicos, biológicos, psicológicos, sociológicos ou culturais.

Contudo, nenhuma dessas explicações esgota a vivência da responsabilidade pessoal que sentimos por nossos atos. Nesse contexto, a teologia cristã deve ser abrangente, reconhecendo a diversidade de fatores que moldam a condição humana, mas também afirmando que a liberdade e o destino humano são inseparáveis.

Essa transição da essência para a existência provoca um eco de culpa e um vazio existencial que reverberam em nosso íntimo como alienação existencial e suas consequências.

Referências Bibliográficas

BALTHASAR, Hans. **O cristão e a angústia**. São Paulo: Novo Século, 2000.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo**: uma introdução aos estudos de Sören Kierkegaard e de sua concepção de fé cristã. São Paulo, SP: Novo Século, 2000.

KIERKEGAARD, Søren. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus**. Tradução: Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.

KIERKEGAARD, Søren, Aabye. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROOS, Jonas. **Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero**. La Mirada Kierke-gaardiana, n. 1, p. 68-78, 2008.

TILLICH, P. **Teologia sistemática**: São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.

_____. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.